

7 de abril de 1949

MEIO DE SEMANA

O prestígio das cores vivas e nítidas é qualquer coisa muito mais importante que a precária permanência das palavras e de suas construções. Material para criarmos as nossas imagens, palavra e cor servem para darmos expressão a essas fugas de nossa própria ilha, transformando em arte muitas coisas de que não nos damos conta. Em geral, todo mundo escreve porque escrever é muito mais fácil e não requer material especializado para a sua realização. Sempre acreditamos naquilo que nos ensinaram no colégio a respeito de gramática: ensina a falar e escrever corretamente a língua portuguesa, isto é, sem erros. Assim temos consciência de nossa capacidade para essas manifestações literárias, quase sempre admiráveis apenas para o próprio autor e inteiramente inúteis para os demais.

Quase sempre quem escreve tem inveja de quem pinta. Realmente, as cores vivas e tão sugestivas dos quadros, as formas que se dão imediatamente, as representações de coisas que a pintura pode realizar mas a palavra nem sempre, nem tudo isso empresta à pintura um prestígio que é muito difícil para as letras, muito mais difícil, embora escrever seja coisa mais imediata e possível, ao alcance de qualquer pessoa sem imaginação.

Um poema, uma página qualquer, qualquer uma dessas manifestações, que o autor ingênuo imagina salva da voracidade do tempo e, preparada para o julgamento da posteridade, acabam sempre no banquete frugal das traças que fazem a higiene do espírito humano, destruindo o que se escreveu hoje e amanhã nada mais representa. Ao passo que um quadro...

Veja o caso de dona Alaíde, por exemplo. Dona Alaíde de vez em quando pintava um quadrinho, tinha jeito para isso e quando podia, assim se manifestava o mundinho oculto de seu espírito. O marido publicou alguns livros importantes. Isso há uns vinte, trinta anos. Pois ali na sala daquela casa ainda existem dois quadros de dona Alaíde, tão vivos e agradáveis como se tivessem

vindo à realidade agora mesmo. Há quem os comente, de vez em quando. Há quem os admire, e com absoluta sinceridade. Entretanto, os livros do marido, o nome do marido, a glória póstuma do marido, só podem vir à tona apenas com a lembrança provocada pela contemplação dos quadros que sugerem, resistem, recordam, e a cada contemplador oferecem a riqueza de suas cores brilhantes.

Isso que acabamos de ver referido ao mundo dos amadores, quando aplicado às manifestações dos profissionais que podem, pela sua técnica, criar realmente pela imagem e pela cor a representação viva do seu submundo, também vale como constatação da experiência. Mais ainda: o caso dos escritores se enquadra entre amadores e profissionais. Todos eles, bons ou maus, técnicos ou intuitivos, todos acabam no jantar das traças, quando não empalhados nas páginas das antologias que ninguém lê. Os pintores é que ficam. E quando estes realmente possuem isso a que chamamos habitualmente talento, então sua permanência é mais profunda e mais evidente. Daí a inveja dos escritores por aqueles que conseguem dar cor e relevo a uma loucura, a um vaso com flores (tantos vasos com flores azuis pintados por amadores, e que permanecem na nossa memória, mais que os sonetos e os romances dos profissionais), ou pelos que repetem na tela os jogos dos gestos humanos, sugerindo a móvel beleza e a efêmera graça na fixidez mágica de um instante.

Percorrendo a galeria dos quadros do meu velho amigo Leopoldo Gotuzzo, pensei melancolicamente na superioridade dos pintores sobre toda essa gente que escreve, já sem ilusões e sem entusiasmo por compreenderem perfeitamente o papel que representam nessa hora inútil. Ah! se eu pudesse trazer essas paisagens, esses nus, essas atmosferas cintilantes! Se fosse possível obter essa mesma magia da cor sobre as velhas formas do mundo, e expressá-la para os outros como faz o pintor, sem dificuldade e com prazer! Um quadro só que fosse, e depois de muito tempo essa pequena obra de arte andaria guardada, conservada, exibida, admirada. O pobre poema que o vento leva, o tempo apaga, a vida desfigura!...